Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE

Ano VII-nº260-Uberaba/MG-de 16 a 22 de setembro de 2003

O império da honra

Na cultura nipônica, a mulher é considerada inferior ao homem. Mas nem sempre é assim

págs. 6 e 7

Alunos de Comunicação Social conquistam prêmio nacional pág. 3

issuu-downloader.com

Editorial

Mulher: agente transformador da nova civilização

Para se pensar em nova civilização é preciso pensar horizontes amplos e tempos longos. O horizonte é o mais amplo possível: assumir o que é próprio da criatura e, sem negar o que é humano e histórico, ultrapassá-lo na transcendência da "divinização".

A jornada é longa. Mas a jornada se faz na participação de tanta gente que sente arder no coração o ideal de uma humanidade mais solidária, justa e pacífica. Ela se torna visível nas pessoas que se tornam sinais luminosos desta busca de novo modo de sentir e de viver. Depositam marcos nas trilhas históricas que conduzem ao novo.

As mulheres estão assumindo responsabilidades nos mais variados campos do agir e fazer humanos

A construção de alternativas a esta sociedade e a esta civilização se faz através de novos e velhos sujeitos que entram em cena.

As mulheres marcham para que sejam reconhecidos seus direitos e seja combatida toda discriminação sexista, racial e étnica.

Busca-se uma nova civilização em que haja nova relação com o outro, marcada pela dimensão da dignidade da pessoa.

Estar ao lado das mulheres, sobretudo, das excluídas da civilização de hoje é, com certeza, – e serão cada vez mais - o fundamento desta nova civilização.

Destaca-se, portanto, a presença e atuação das mulheres, que constituem a grande maioria da população; é contingente maior. Elas participam em todos os setores da vida e estão esboçando um traço novo no rosto da sociedade através da maneira generosa e entusiasmada com que vivem o amor, buscando transmitir novos valores. As mulheres estão assumindo responsabilidades nos mais variados campos do agir e fazer humanos; estão presentes nos conselhos e nos movimentos, participando ativamente das decisões; exercem postos de comando. Tudo isso não é apenas uma análise de conjuntura , é o reflexo de um amplo horizonte, de tempos novos.

A matéria de capa desta edição traz a história de Helena que ilustra um pouco deste sonho por uma nova sociedade, sem discriminação sexista e étnica.

Traz também outros destaques: o "show" da mídia por causa da aproximação de Marte; a cobertura da XI Semana dos Dinossauros e afins; a premiação dos alunos da Comunicação na Expocom, " E por falar em amor"… Andréia revela o seu por " Jesus na Universidade. Boa leitura!

Uniube abre inscrições para bolsas de estudo

Da Redação

Já estão abertas as inscrições para o Programa de Bolsas de Estudos e Gratuidades da Universidade de Uberaba. No primeiro semestre de 2003 foram concedidas 151 benefícios, sendo 77 gratuidades e 74 bolsas. A verba disponível para novas bolsas no 2º semestre de 2003 é de R$ 300 mil.

As inscrições devem ser feitas pela Internet, de 15 a 30 de setembro

As inscrições devem ser feitas pela Internet no período de 15 a 30 de setembro. O resultado dos alunos pré-selecionados será divulgado no *site* da Universidade (www.uniube.br) e nos quadros de avisos da Instituição a partir de 3 de outubro.

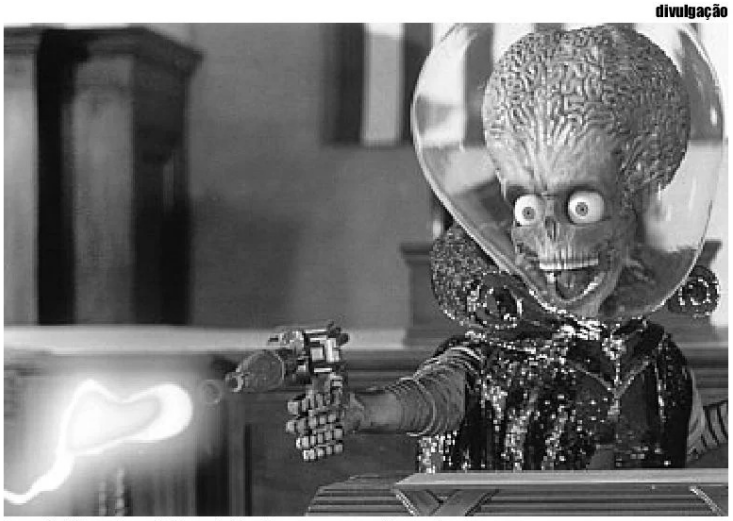
Os alunos pré-selecionados deverão comparecer à entrevista, junto à Comissão do Programa de Bolsas de Estudos e Gratuidades, em dia, horário e local a serem definidos. O não comparecimento implica na desclassificação do estudante.

Poderão se inscrever no programa os alunos regularmente matriculados na Uniube. Para outras informações, acesse o *site* da Universidade ou, ligue no telefone 0800 34 3113.

Artigo

O "show" de Marte

divulgação



Cena de "Marte Ataca", filme de Tim Burton que parodia o culto a extraterrestres

Fernando Machado
7º período de Jornalismo

Marte nunca se aproximou tanto da Terra quanto não o fazia há muito tempo e não tornará a fazer em centenas de anos. Extraordinário? Depende. Talvez não, se levado em conta que a aproximação foi de 40 mil quilômetros e que a distância entre os dois planetas é superior a 50 milhões de quilômetros.

"– Atenção! Uma notícia importante acaba de chegar: Marte está se aproximando rapidamente da Terra!"

A partir de um acontecimento sem maior importância, a mídia, mais uma vez, criou um espetáculo, cuja marca principal foi a repetição. Na televisão e nos jornais, matérias e mais matérias especiais sobre Marte, sobre marcianos, praticamente iguais em todos os canais. O "show" de Marte – a se julgar pelo espaço que ganhou nos jornais – ombreou com as reformas de Lula, a morte de Vieira de Melo, o acidente na base de Alcântara e etecétera.

Quem levou a brincadeira mais longe, e de forma mais lúdica, foi Roberto Cabrini, ao ponto de abrir o Jornal da Noite mais ou menos assim:

"–Atenção! Uma notícia importante acaba de chegar: Marte está se aproximando rapidamente da Terra! Calma! Você vai ficar sabendo tudo sobre essa aproximação do planeta vermelho em direção a Terra em uma matéria especial aqui…"

Brincar de Orson Welles na televisão deve ter sido divertido para Cabrini. Sessenta e quatro anos atrás, o jovem radialista Orson Welles deixou tresloucadas milhares de pessoas em Nova Iorque, que acreditavam que a Terra realmente estava sendo invadida por marcianos. O resultado da radionovela foi a pior: acidentes, tentativas de suicídio, gente tentando fugir da cidade.

A atitude de Cabrini e toda a cobertura boboca dada pela imprensa em geral não foram capazes de gerar pânico, no máximo contribuíram para o aumento nas vendas de telescópios e afins, além da deixa para videntes, astrólogos e etecétera. Mas aí é que está: estamos cansados disto.

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Entre os melhores do Brasil

Alunos são premiados na Expocom

Congresso interdiscpipinar reúne estudantes e pesquisadores para discutir novas maneiras de pensar a comunicação

Fábio Luís da Costa
3º período de Jornalismo

fotos: Fábio Luís da Costa

Equipe de alunos de Publicidade conquistou menção especial com trabalho sobre desarmamento

Na primeira semana de setembro, Belo Horizonte "ferveu" com mais de 4 mil estudantes e pesquisadores da área de Comunicação Social. Pela primeira vez, em 26 anos, o congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom) foi sediado em Minas Gerais.

O objetivo deste Congresso é incrementar o desenvolvimento da pesquisa experimental em Comunicação e proporcionar aos participantes a oportunidade de debater com profissionais renomados do Brasil e do exterior.

Em 2003, o tema do congresso foi "Mídia, Ética e Sociedade". O tema serviu de base para que alunos e pesquisadores desenvolvessem trabalhos relacionados com esses propósitos.

A Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom) foi criada em 1994 para premiar a produção acadêmica de estudantes universitários. A Expocom consiste em três eventos paralelos: uma mostra dos trabalhos feitos pelos alunos, selecionados previamente por um júri composto de professores, profissionais e entidades de diferentes estados; um simpósio para debater o estágio em que as faculdades de comunicação se encontram na pesquisa laboratorial e uma premiação dos melhores projetos.

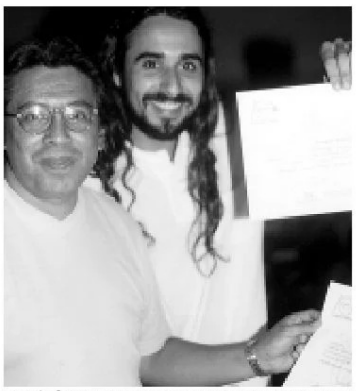
Na edição de 2003, a Expocom teve um recorde com trabalhos inscritos: ao todo foram 2.204 trabalhos realizados em 156 faculdades

Competição acirrada

Na edição de 2003, a Expocom teve um recorde com trabalhos inscritos: ao todo foram 2.204 trabalhos experimentais realizados em 156 faculdades, que concorreram a 62 modalidades, divididos em oito categorias: Cinema e Vídeo, Fotografia, Humor Gráfico, Jornalismo, Publicidade & Propaganda, Rádio/TV, Relações Públicas, Comunicação e Cidadania. Apenas 208 projetos foram classificados.

Para a coordenadora adjunta da Expocom, Simone Gardinali Navacinsk, a mostra (que completa dez anos) tem um papel muito importante na história das ciências da comunicação do país, pois o projeto vem fortalecendo a identidade da pesquisa nesse campo. "Houve uma presença significativa das instituições da região Nordeste. Os tra-balhos daquela região vêm crescendo a cada ano, com muita qualidade, e os produtos laboratoriais vêm melhorando a cada edição. Logo percebemos que os projetos classificados não ficam apenas centrados no eixo Sudeste-Sul."

"A Expocom mudou a fisionomia dos congressos da Intercom, passando a aglutinar um segmento importante da comunidade acadêmica da comunicação no Brasil, que antes participava olimpicamente dos debates anuais. Ela alterou o perfil das próprias instituições de ensino superior no país." completa Navacinsk, professora da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo.



Raul Osório, coordenador de Jornalismo, e Leonardo Boloni, premiado na categoria ensaio fotográfico

História de premiações

Desde quando começou a participar da Expocom, o curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, vem conquistando prêmios em suas participações.

Os universitários da Uniube premiados na edição de 2003 são: o aluno de Jornalismo André Azevedo da Fonseca, que conquistou o 3º lugar na categoria História em Quadrinhos com o trabalho "Edgar Alan"; a equipe da aluna de Publicidade Daniela Teixeira, que ganhou menção especial na categoria Vídeo Educativo com o filme "Medo"; e os recém-formados em Jornalismo Leonardo Boloni, que teve menção especial na categoria ensaio fotográfico com o trabalho "Seis Etnias"; e Renata Thomazzini, que ficou em 1º lugar na categoria Vídeo Científico com o trabalho "Gado Tecnológico".

Para a professora Blueth Sabrina Uchôa, orientadora do grupo que recebeu menção especial nesta edição da Expocom, o mais importante nesta premiação é a reflexão que os estudantes passam a ter após as vitórias. "Os alunos ficam a cada ano mais incentivados, motivados e buscam sempre aprender mais e produzir trabalhos com qualidade."

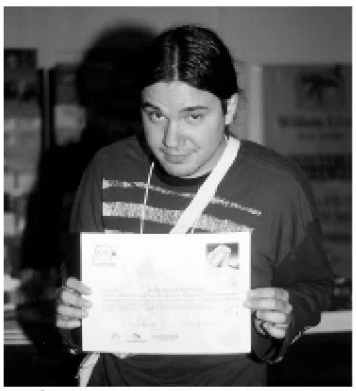
"Conseguir resultados desse nível não é fácil, num evento tão competitivo quanto a Expocom"

Ela acrescenta que é importante que os alunos de Publicidade e Jornalismo valorizem seus cursos, pois esse é o primeiro passo para que a comunidade e o mercado percebam que os trabalhos produzidos na Uniube estão no nível das melhores do país.

Daniela Teixeira, aluna do 8º período do curso Publicidade e Propaganda, uma das autoras do vídeo educativo "Medo", disse que ficou muito feliz com a premiação. "Agradeço a todos que ajudaram na produção do vídeo. A idéia foi brilhante, a campanha a favor do desarmamento tem que ser incentivada em todo o mundo, pois é um assunto polêmico e que foi premiado," conclui.

Os vídeos premiados serão exibidos no Festival Universitário do Minuto da Uniube, que será realizado na noite de 24 de setembro, no Centro Cultural Cecília Pamério, no *Campus* Centro. O evento é aberto ao público.

O diretor do curso de Comunicação, Edvaldo Pereira Lima, avalia como excelente a participação dos alunos sob a orientação dos professores. "Quero parabenizar os estudantes que conseguiram colocar nada menos que quatro trabalhos entre os finalistas, nas diversas categorias, concorrendo com dezenas de cursos de todo o país! E cumprimentar os professores que os orientaram. Conseguir resultados desse nível não é fácil, num evento tão competitivo quanto a Expocom. Se estamos sempre entre os finalistas – desde que começamos a participar da Expocom nunca deixamos de ganhar prêmios –, é sinal de que a criatividade, o empenho, o domínio técnico dos estudantes, de um lado, a orientação firme dos docentes e a política de incentivo à participação na Expocom, de outro, formaram uma alquimia vencedora. Orgulho para todos nós, desafio para os estudantes que este semestre fazem seus Trabalhos de Conclusão de Curso: manter o nível lá no alto, para a disputa da Expocom 2004."



André Azevedo da Fonseca, aluno de Jornalismo, premiado na Expocom pelo 2º ano consecutivo

Quem são premiados

Renata Thomazzini
Categoria: Cinema e Vídeo
Vídeo Científico **"Gado Tecnológico"**
Orientador: Simone Bortoliero
Classificação: **1º Lugar**

André Azevedo da Fonseca
Categoria: Humor Gráfico
História em Quadrinhos **"Edgar Alan"**
Orientadora: Janete Tranqüila Gracioli
Classificação: **3º Lugar**

Daniela Junqueira Teixeira
Categoria: Cinema e Vídeo
Vídeo Educativo **"Medo"**
Orientadora: Blueth Sabrina Uchôa
Classificação: **Menção Especial**

Leornado Boloni Silva
Categoria: Fotografia
Ensaio fotográfico: **"Seis Etnias"**
Orientador: Raul Osório Vargas
Classificação: **Menção Especial**

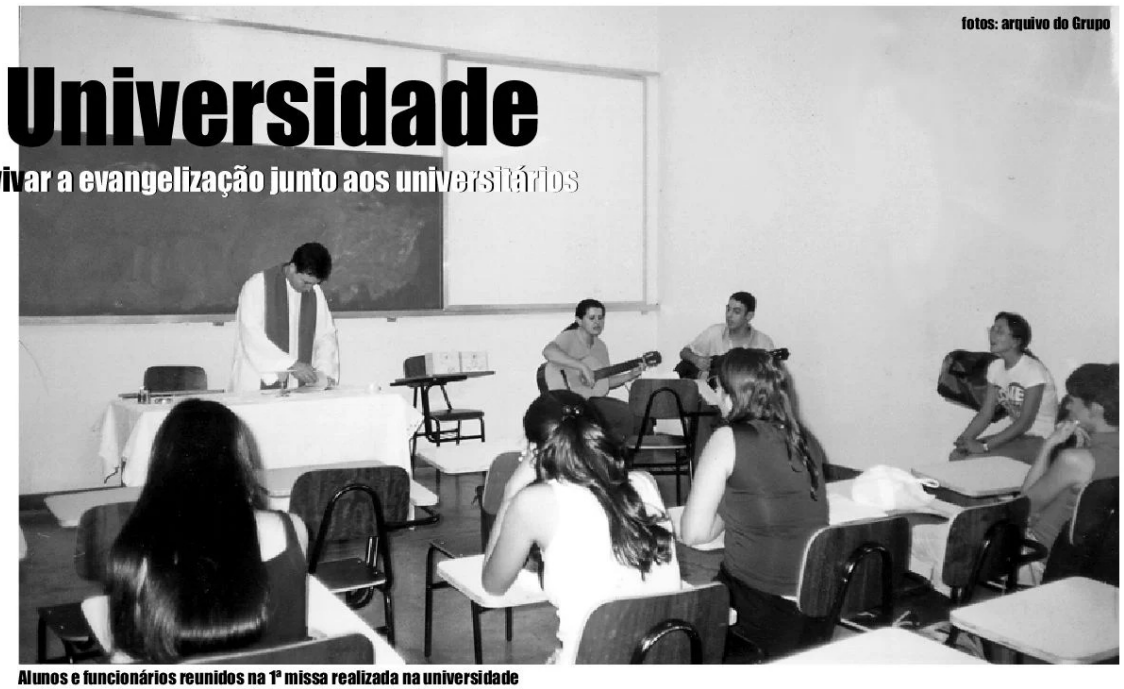
issuu-downloader.com

Religiosidade

Jesus na Universidade

Grupo de Oração busca reavivar a evangelização junto aos universitários

Graziela Christina de Oliveira
1° ano de Jornalismo



fotos: arquivo do Grupo

Alunos e funcionários reunidos na 1ª missa realizada na universidade

Uma sala de aula simples, como tantas outras que existem por aí. Algumas carteiras, a mesa do professor, o quadro negro (que de negro não tem nada).Uma sala de aula de uma universidade, como muitas outras. Mas de repente, uma transformação se inicia: as carteiras são colocadas em círculo, formando uma grande roda que parece abraçar a quem chega. A mesa ganha toalhas limpas, velas e castiçais e se torna um pequeno altar. No quadro, não há lições de biologia, química ou matemática; há lições de vida com frases como: "Jesus nos ama". Uma música suave que vem das cordas de um violão nos convida a entrar. Não naquela sala de aula, mas naquele pequeno templo cristão que se formou dentro da imensa instituição de ensino.

Essa transformação vem acontecendo todas às terças-feiras dentro da Universidade de Uberaba. Uma missa é realizada no bloco Q, sala 10, das 17h45 às 18h45. Mas antes de existir a missa, já havia alguns alunos que se reuniam para orar dentro desta sala. Há cerca de cinco anos, surgiu o Grupo de Oração Universitária (GOU Adonai), o primeiro de Uberaba. Mas essa história de oração dentro de universidades já existe há um bom tempo…

Projeto Universidades Renovadas tenta restaurar a doutrina católica nos jovens universitários

Fé nas universidades

Todos os anos, na Universidade Federal de Viçosa, o movimento Renovação Carismática Católica (RCC) reunia cerca de sete mil pessoas durante o carnaval para orarem e estudarem os ensinamentos da Bíblia, numa espécie de retiro espiritual.

Em 1994, Fernando Galvani, um estudante dessa universidade, teve uma imensa vontade de que os jovens de sua instituição conhecessem Jesus.

Enquanto orava em seu quarto, Fernando contemplou um quadro da cidade de Jerusalém. Mas não eram as ruas de Jerusalém que ele enxergava, mas sim, os corredores de sua universidade.

Nessa visão, ele também viu um padre. Os padres da cidade sagrada foram os primeiros cristãos a iniciarem a evangelização e, por isso, eram muito perseguidos. Naquele momento, Fernando percebeu que os universitários também sofriam uma espécie de perseguição. E então, nasceu o desejo de transformar a universidade na Nova Jerusalém.

O projeto não poderia ganhar um nome melhor: "Universidades Renovadas". Uma tentativa de restaurar a doutrina católica no coração das pessoas, principalmente dos jovens universitários.

A Renovação Carismática Católica, no mundo, teve início na cidade de Duquensne, nos Estados Unidos. Em fevereiro de 1967, um grupo formado por católicos, professores e alunos da Universidade do Espírito Santo de Duquensne se juntaram para vivenciar o fato de que "é o espírito que vivifica".

Mas durante muito tempo a RCC ficou dentro das paróquias. Há pouco é que se instalou de vez nas universidades. Hoje, a Renovação conta com a participação de oito a dez milhões de católicos em quase 60 mil grupos de oração em todo país, de acordo com dados de 1999 do próprio grupo.

Projeto não atende apenas estudantes. Qualquer pessoa pode participar

Na RCC, há uma divisão em secretarias, onde cada uma cuida de determinado grupo. Assim, temos a Secretaria Pedro que faz a pregação dos ensinamentos; a Secretaria Moisés que intercede pelos outros grupos; a Secretaria Marcos que se preocupa em evangelizar jovens. A responsável pela evangelização dos universitários é a Secretaria Lucas que tem o mesmo objetivo da Pastoral Universitária.

Porém, o Projeto Universidades Renovadas (PUR) não visa a atender apenas os estudantes. A coordenadora do grupo da Universidade de Uberaba, Andréia Rosa de Carvalho, conta que qualquer pessoa pode participar. "Pré-vestibulando, mães de alunos, professores, funcionários, todos que puderem, podem vir" , explica.

O GOU é bem diferente dos outros grupos de paróquias, que geralmente estão ligados ao sacerdote. O grupo depende mais das regras da universidade do que da própria Igreja.

Para dizer que não há um acompanhamento dos trabalhos pela Igreja, o GOU é assistido pela Paróquia da Ressurreição, que é a mais próxima da Uniube, geograficamente.

A coordenadora Andréia revela que o grande objetivo deles é o de ter uma capela. O próprio reitor não gosta que a missa seja celebrada em uma sala de aula, gostaria que fosse numa capela. "A vontade de todos é a de ter um lugar próprio, onde os universitários possam entrar e orar," conta Andréia.

Além disso, outra dificuldade apontada pela coordenadora é a falta de divulgação. Muitos que participavam de grupos em suas cidades chegam e não sabem que aqui também existe um. "Os que já conhecem vêm, mas muita gente passa, olha, não sabe o que é, tem receio de entrar," diz.

Os desafios, no entanto, não param por aí: arrumar um sacerdote também não é tarefa fácil, pois cada um tem a sua paróquia. "A gente vive da caridade do sacerdote para

Grupo de oração busca a evangelização entre universitários e a comunidade em geral

issuu-downloader.com

celebrar a missa, que traz os objetos litúrgicos e nos empresta," explica Andréia.

A missa começou a ser celebrada no ano passado, mas acontecia apenas uma vez por mês. No último semestre, passou a ser toda semana e contava com a colaboração do Padre Sebastião, da Medalha Milagrosa, atualmente pároco da Igreja São Domingos.

Hoje, quem mais ajuda na celebração da missa universitária é o Padre Anderson, da Paróquia São José. Desde quando começou, como assessor da Renovação, ele vem acompanhando esse trabalho que, para muitos jovens, soa como algo careta e fora de moda.

Ele disse, ainda, que o trabalho é difícil, exige paciência e perseverança, mas não é impossível. "É algo muito oportuno; é um desafio diante da dificuldade de evangelizar os jovens. O mundo oferece muitos outros atrativos," disse.

Por isso, o sonho do GOU é fazer com que toda a universidade conheça e participe do projeto, para que todos possam ser evangelizados.

Um sonho: que mais e mais grupos se formem, em outros horários, de menor duração, desde que todo mundo que queira, possa se reunir e buscar algo mais para sua vida. "Quando a gente sonha sozinho, parece algo impossível, mas quando sonha junto pode acontecer. E a gente busca sonhar juntos," ressalta Andréia.

Música e descontração para acolher os participantes

O grande encontro

Para melhor conhecer e aprofundar os estudos sobre os trabalhos do PUR, é realizado, todos os anos, o Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos, o ENUCC.

A cada ano, o encontro acontece em uma cidade, e é destinado aos jovens universitários, contando com a colaboração de padres e pregadores. Além dos momentos de pregação, existem outras atividades como mesas redondas e workshops.

O primeiro ENUCC aconteceu na PUC de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Do dia primeiro ao dia quatro de agosto de 1996, 230 participantes de 42 faculdades se reuniram para partilhar ensinamentos, orações e experiências.

No último Congresso Nacional da RCC foi discutido o fato de a Igreja voltar a ser primitiva. "A Igreja deveria ir até as pessoas, num sentido de missão. E o grupo de oração é uma forma de fazer isso," conta Andréia.

Para a coordenadora, ser testemunho dentro da faculdade de uma vida diferente é algo que marca muito. Num mundo cheio de drogas, sexo, bebidas, buscar alegria e felicidade de outra forma é buscar um acréscimo para nossa vida. "E o sonho surgiu dessa busca, porque o jovem tem dentro de si uma busca, para o sentido de sua vida, para o seu futuro," disse Andréia.

Para Cláudio Maia Leopoldo, analista de sistemas, que também ajudou a instalar o grupo na universidade, é preciso falar destes e de tantos outros temas, onde os jovens estão inseridos. "Na universidade não há só estudo e o GOU tem o objetivo de restaurar os jovens, de fazer você ter um encontro consigo mesmo," diz.

"O grupo te dá uma força. Uma força para encontrar o caminho de Deus"

A técnica em Química, Sueli Martins, ficou muito feliz quando soube da existência do grupo. Há um mês ela participa do GOU, mas já freqüentava outros grupos de oração. "Todo grupo é muito bom. Te ajuda a perseverar na tua fé," conta.

Para ela, há coisas no mundo que puxam para baixo, mas o GOU ajuda a se levantar. "O grupo te dá uma força. Uma força para encontrar o caminho de Deus," completa.

Fé e Vida

A ligação com as questões da Igreja, começou cedo na vida de Andréia. Com quatro anos, ela já participava do grupo de oração da Catedral, levada pela mãe. Depois, foi parar na Igreja Nossa Senhora de Fátima, onde ficou durante cinco anos.

Quando passou no vestibular para Letras, no começo do ano, Andréia teve que deixar aquele grupo, mas veio participar desse. "A maioria das pessoas estudam à noite e tendo o grupo dentro da universidade fica mais fácil. A pessoa vem, participa, depois vai para aula," explica.

Andréia também participou da Rádio Metropolitana que pertence à Arquidiocese de Uberaba, cujo bispo é Dom Aloísio Roque.

Lá, trabalhou durante sete meses, às tardes. A programação é feita basicamente de música e os ouvintes podem ligar para fazer seus pedidos. Há também programas que falam do santo do dia ou outro tema. Cada dia é uma pastoral que assume. "Todos os eventos, de todas as paróquias, são transmitidos pela rádio. Cada uma tem seu espaço," disse Andréia.

A rádio já existe há cinco anos. No início, funcionava sem a concessão necessária e chegou até a ser fechada por um ano. Mas hoje, o trabalho é legalizado e a rádio está crescendo, caminhando para ter uma programação fixa.

O apoio recebido é cultural. Como não tem propaganda, a rádio vive de doações da comunidade e conta ainda, com a participação de todos para fazer deste meio um instrumento eficaz na evangelização.

"Conhecer o grupo muda a vida de muitos, como mudou a de muita gente aqui"

Os trabalhos no grupo dão uma enorme satisfação a Andréia. "É algo que traz muita alegria para mim. Tem gente que chega triste, começa a participar, faz novos amigos. Eu fiz muitos aqui. Conheci pessoas de outros cursos que eu nem imaginava conhecer."

Missão de confraternizar

O grupo de oração universitária tem uma missão muito bonita. Através de pregações, orações e muitas dinâmicas, as pessoas se conhecem e confraternizam. Há também muita música e dança para animar o encontro.

No início, faz-se uma oração, uma parte do terço. Depois, música para alegrar e acolher a todos. Uma música que fala de anjos, anjos em toda parte, ali também naquela sala de aula.

A música traz a idéia de uma interessante dinâmica. Vamos também ser como anjos, conduzindo-nos uns aos outros. De dois em dois, um de olhos fechados e o outro guiando, vamos passeando pela sala...sem medo de trombar em alguém ou esbarrar em alguma carteira...apenas a confiança e a segurança depositadas em quem está ao seu lado...depois, invertemos os papéis.

Após a brincadeira, é hora de ouvir o ensinamento de Deus. De pensar e refletir sobre muitas coisas. Pois, às vezes, você se encontra cheio de dúvidas. Não se sabe porque está na universidade, fazendo aquele curso. Não se sabe porque as pessoas falam uma coisa, mas fazem outra. Não se sabe porque certas coisas estão acontecendo na sua vida.

Muita gente chega no GOU desestruturada, com problemas em casa, com a família, na faculdade, no relacionamento. Precisando de ajuda. Ajuda que ela encontra naquelas pessoas que estão dispostas a caminhar junto, a não deixar sozinho. Eles vêem a pessoa chegar desanimada, mas logo percebem a mudança. "Conhecer o grupo muda a vida de muitos, como mudou a de muita gente aqui. Eu participo e amo o projeto. Cada dia você se apaixona mais," enfatiza Andréia.

Depois de ouvir, é hora de orar. Orar por você, por quem está perto, por quem não pôde vir, por quem está precisando. Mas orar não está só em pedir, está também em agradecer, em conversar com Deus e entender o que Ele diz. Como uma frase que li, não sei onde: "Orar é saber ouvir o que Deus inspira no coração da gente."

E uma nova música invade o ambiente e é convite para cantar para quem está ao seu lado. E aí eu canto mais com o coração do que com a boca, até porque eu não sabia a letra. Mas logo, aprendi o refrão, simples, mas com uma grande lição. Oração final para fechar bem o encontro, com todos de mãos dadas. Depois, um abraço para desejar paz pra quem esteve comigo naquele momento. Pego minhas coisas e vou para minha rotina de aulas. Enquanto caminho pelos corredores da faculdade, aquele refrão que não sai da minha cabeça insiste em não continuar só no pensamento. E sigo cantarolando até a sala de aula: "Vou te consolar na tristeza e na dor. E transformar todo teu interior..."

Mais informações no site www.pur.com.br

issuu-downloader.com

Histórias do sol nasc

Na cultura nipônica, a mulher é considerada inf

Fernando Machado
7º período de Jornalismo

No alvorecer do século 20, o senhor Mino levava uma vida tranqüila em sua fazenda perto de Takamatsu, a 500 quilômetros de Tóquio. Era casado com uma mullher chamada Takino. Em 1937, Takino deu à luz a menina Misae. O lucro que o fazendeiro obtia com suas variadas plantações era bem mais do que suficiente para abastecer as prateleiras e imprimir-lhe o signo do orgulho. Família respeitadíssima; ou talvez apenas o chefe da família o fosse, vez que na cultura nipônica a mulher é considerada inferior em relação ao homem. Quando o senhor Mino saía para caminhar, Takino o seguia cabisbaixa, como manda a tradição, à pelo menos 5 metros de distância do marido.

Honra, da maneira que os japoneses a entendem, é o mais alto valor humano. Em nome dela, suicida-se, mata-se, faz-se qualquer coisa. Ficou decidido entre japoneses que, caso perdessem a Segunda Guerra, dariam início ao "glorioso e honrado" suicídio de 100 milhões de seres humanos.

O império da honra e bonança dos Mino, porém, ameaçou ruir como castelo de cartas. Assim, do dia para a noite. Tudo porque o senhor Mino iria ter um filho. O milagre da concepção, todavia, só não seria motivo de júbilo para ele porque não era a sua esposa Takino quem estava grávida. O distinto senhor Mino havia engravidado a mulher de um amigo seu, outro fazendeiro de posses. Desnecessário dizer a reação do fazendeiro traído. A reputação dos Mino foi para o espaço e, se não se cuidassem, a cabeça do senhor Mino poderia separar-se do pescoço. Resultado: em 1939, o senhor Mino se mandou para o Brasil com a família. Takino não achou nem bom nem ruim, apenas aceitou a situação. Na família japonesa, cabe à mulher uma condição inferior à dos filhos. Os Mino gostavam de comer frango. Takino, entretanto, jamais comia as coxas do galinácio. Primeiro, o chefe da casa era servido, e normalmente comia as duas coxas, suas partes prediletas. Depois, os filhos se alimentavam do peito. Sobravam as asas para Takino, que as engolia sem reclamar.

Honra, da maneira que os japoneses a entendem, é o mais alto valor humano

No Brasil, "seu" Mino, como passou a ser chamado, comprou uma fazenda às margens do Tietê, onde produzia café e verduras. O japonês ficou mais rico ainda. Tão rico que nunca deu muita importância aos fanáticos da seita Shindo Renmei, que perseguiam os nipônicos que dissessem que o Japão fora derrotado na Segunda Guerra, e também os que não se posicionavam a respeito. Os matadores da tal seita, os *tokkotai*, em meados da

Casal sanssei: Helena e Sérgio levam uma vida bem

issuu-downloader.com

ente

erior ao homem. Mas nem sempre é assim

diferente da de seus ancestrais

década de 1940, percorreram o estado de São Paulo, realizando atentados que deixaram cerca de 150 feridos e levaram à morte 23 imigrantes*. Os Mino empregavam brasileiros e japoneses em suas terras. Talvez, por isso, não foram incomodados. Mas, através de cartas de amigos, eles ficavam sabendo dos crimes praticados pelos membros da Shindo Renmei. De fato, para os japoneses, não era fácil admitir a derrota do Japão para as forças aliadas. A última derrota bélica daquela nação havia sido há 2600 anos, quando o invencível Gengis Khan invadira suas terras*.

A Shindo Renmei não nasceu radical e fundamentalista. No início, os membros só queriam boicotar a produção de bicho-da-seda e hortelã. Os aliados usavam o primeiro para a fabricação de pára-quedas, e o segundo para melhorar o desempenho de combustíveis*. Um esforço lógico para não favorecer o inimigo. Bicho-da-seda e hortelã não eram produtos da fazenda Mino.

Ainda na década de 40, começou a circular entre os japoneses do interior paulista o boato de que quem não voltasse para a terra do sol nascente naquele momento, dificilmente conseguiria fazê-lo depois. Com saudades da terra natal, o senhor Mino mandou Takino arrumar as malas e fizeram o caminho de volta. A angústia de viver fora do Japão deu ao senhor Mino a impressão de que o tempo já devia ter diluído a fúria do japonês traído.

Em 1960, Misae voltou para o Brasil. Tinha 23 anos e, coisa rara, era bastante estudada. Casou-se com um rapaz metade japonês e metade brasileiro que conheceu na cidade de Marília, na região da Alta Paulista. Trabalhou em uma multinacional até se aposentar. Hoje, vive em Uberaba com seu marido Sérgio Massakatsu Takenaka e Helena Koshimo, sua neta.

E é Helena quem conta esta e outras histórias. Casada com o sansei (neto de japoneses) Sérgio, ela foi cursar medicina no Japão quando tinha 22 anos. Dez anos depois, voltou para o Brasil PHD na profissão de salvar vidas. Trabalhou pouco na medicina. Diz que perdeu o prazer pela profissão, e hoje tem, com o marido, uma loja de CDs em um shopping center. É uma mulher bonita, aparenta bem menos do que os reais 40 anos de idade.

Helena e Sérgio não lutam karatê e não comem bolinhos de arroz na passagem de ano

O segredo da jovialidade, contudo, não é fruto da preservação dos hábitos nipônicos. Helena e Sérgio não lutam karatê, não comem bolinhos de arroz na passagem de ano e, segundo ela própria, seria impensável vê-la andando cabisbaixa, 5 metros atrás do marido em um shopping center.

*Fernando Morais; *Corações Sujos*

ilustrações: reprodução

issuu-downloader.com

Peirópolis

Centro geodésico da américa do sul

O que é de Uberaba é diferente de outras partes. Essa diferença é a riqueza do ser humano

Alécio Donizete Freire
6º Período de Jornalismo

São oito de setembro de 2003. Clima quente e seco, em nada parecido com o inverno. Muito calor. O vento sopra forte. Pastagens ressequidas. O gado que pouco pasta, neste começo de tarde, tenta se esconder debaixo de uma ou outra árvore na busca de uma sombra amena. Partes dos campos já estão reviradas, quais tapetes vermelhos, esperando a semente, mas antes disso, enquanto os sinais de chuva do céu não vêm, só resta limpar o rosto suado dos sinais da "chuva de terra". – Que lua, hein!, brinca o nosso motorista.

Nas margens da BR-262, aqui e acolá, nos aproximadamente vinte quilômetros de asfalto, enquanto repasso a pauta, vejo lá fora apenas o capim mais verde e flores amarelas e roxas dos ipês. A paisagem enfeita e alegra a viagem de nossa equipe de reportagem (João Batista, Emerson, Lungas, Rafael e eu) rumo à Peirópolis, um dos centros de pesquisas paleontológicas mais importantes do Brasil e orgulho de Uberaba. Vamos dar cobertura às *XI Semana dos Dinossauros e VII Semana Científico-Pedagógica* da Fundação de Ensino de Uberaba (FEU), que vai até sexta-feira (dia12). A programação é voltada para a conscientização sobre o processo de evolução da espécie dos humanos, principalmente às novas gerações, de quem esperamos e desejamos dias melhores e qualidade de vida para a nossa curta existência no planeta.

Em Uberaba tem aparecido jacarés novos, pela primeira vez totalmente diferentes

Está é "uma oportunidade de conhecer *in loco* todo o trabalho desenvolvido aqui em Peirópolis, dentro da paleontologia," conforme explica a professora Helione Dias Duarte, coordenadora pedagógica do Museu dos Dinossauros. Mais de 60 escolas de Uberaba e região estão agendadas, o que gera a expectativa de um público de 5 mil alunos visitantes.

Acompanhamos uma caravana de estudantes da Escola Nossa Senhora da Abadia, de Uberaba, até o ponto um das escavações, a uns dois quilômetros a contar da sede administrativa do Museu, ao lado direito da pista da 262. O burburinho dos pré-adolescentes, a vivacidade e a curiosidade estão a toda prova. Querem saber de tudo. Parecem que estão voltando no túnel do tempo, estão afoitos. Os monitores, alunos da FEU, pedem silêncio, repassam as informações, orientam, puxam a fila. Perto da porteira de entrada, param, dividem as turmas, e juntos, começamos a subir um pequeno morro. Com a caminhada, vai subindo também uma poeirinha fina e sujando os calçados. Mas o que importa isso, o que queremos é chegar, descobrir novidades. Embora todos estejam com suas sacolinhas de plástico contendo lanche, refrigerante ou água, nem um papel de bala se pôde notar jogado ao chão, ou melhor, no pasto.

Chegamos no ponto principal de escavação, denominado de Price, em homenagem ao primeiro pesquisador que atuou em Peirópolis. Entre uma e outra marretada intermitente dos técnicos das escavações, perguntas surgiam de todos os lados: os atentos alunos queriam saber onde tinha sido encontrado o fóssil do crocodilo descoberto no ano passado. Entre as explicações do monitor, Leonardo José Silveira, alguns mostravam interesse pelas camadas rochosas aparentes no enorme paredão branco de calcário. Enquanto isso, um garoto segura na mão um pedaço de rocha dizendo que iria levar de lembrança, mas depois desistiu e jogou fora, pois a garota ao seu lado deu-lhe mais afeição; outros desejavam saber do tamanho do Titanossauro, e no momento em que preparávamos os equipamentos para a volta, Tony Fernando Santana, técnico em escavações, gritou: "Acho que encontramos algo aqui. Pode ser um pedaço de osso de costela de tartaruga. Vamos ter que escavar mais e ver isso. Mas só os cientistas é que poderão confirmar o que é isso aqui. Pode até ser um dente de um Carnossauro" Registramos, despedimo-nos dos cinco escavadores e corremos para o ônibus. O calor estava insuportável e a sede aumentando cada vez mais; nada de água. O jeito é esperar. Ainda bem que os escavadores estavam sob a proteção de uma branca lona de plástico, se não ... torravam. Pois afinal, não sabe ao certo se foi o fogo ou água que provocou a extinção dessas espécies.

No laboratório de preparação de fósseis, um cômodo contíguo à antiga estação ferroviária, encontramo-nos com alunos da Escola Estadual Artur Bernardes, de

captura de tela: Emerson Ferreira

Alunos da escola Nossa Senhora da Abadia, de Uberaba, visitam ponto *Price* de escavações

Amanhece, Distrito de Araguari-MG. O que mais impressionava estes alunos eram os grandes fósseis ali expostos. Dentre eles, aquele do "fêmur do Titanossauro, do maior dinossauro brasileiro", de aproximadamente vinte metros de altura, com 70 milhões de anos. Mas os micro-fósseis, especialmente os dentes de peixes, e até um fóssil fecal, causavam surpresa naqueles rostinhos inquietos, de olhos vívidos, demonstrando o pique da curisidade, sedentos de conhecimento. Tiravam suas dúvidas com o técnico e preparador de fósseis Amauri da Silva, que pacientemente ia respondendo a cada pergunta. Olhavam os pedaços de rocha, abaixavam-se para olhar os restos num balde verde de plástico ali debaixo da mesa; indagavam do tempo que se gasta para limpar cada uma delas, dependendo, é claro, do tamanho e da delicadeza que se dispensa para cada peça. Nenhum dos alunos tocaram nas peças em exposição. Saíram contentes.

"Crianças têm uma visão mais ampla e saem mais interessadas, satisfazendo suas curiosidades"

Cástor Cartelli é a maior autoridade em paleontologia em Minas Gerais

Depois de um breve descanso para a água e o lanche, debaixo das árvores ou nas mesinhas do pátio do restaurante, a moçadinha dirige-se para o Museu Llewellyn Ivor Price (nome do paleontólogo), cujo nome é pronunciado com desenvoltura pelos monitores, que o simplificam para a garotada: Ivor Praice. Os adolescentes ficam encantados com a réplica do lado esquerdo de um adulto Titanossauro, "em formato de painel tridimensional". Os alunos olham surpresos os elementos ósseos ali das vitrines: fêmures, vértebras, dentes etc. E na saída, lembram-se de registrar seus nomes no caderno de presenças dos visitantes. Nossa equipe também faz o mesmo.

Nos jardins, à sombra das verdes barracas de plástico pré-montadas, a garotada põem mão na massa, ou melhor, na argila, e sob orientação dos monitores, vão dando forma às miniaturas de dinossauros e de tartarugas. Não pedem para levar, querem apenas ter o

issuu-downloader.com

Luis Carlos Borges Ribeiro é chefe de pesquisas paleontológicas da FEU

gostinho de fazer. Alguns de nossa equipe desejaram trazer a lembrancinha, mas...

Assim, a saga pelas "ciências da terra" chega ao fim para a satisfeita garotada. Didaticamente aprenderam um pouco mais de geologia, paleontologia e meio ambiente, na prática.

Para o monitor Renato Batuíra da Bessa, agora as crianças "têm uma visão mais ampla e saem mais interessadas, satisfazendo suas curiosidades". Cláudia Fontes, professora da Escola Nossa Senhora da Abadia, de Uberaba, diz que "é interessante juntar a teoria com a prática. Porque aquilo que os alunos vêem nos jornais, revistas, livros, filmes poderão aqui vivenciar e verificar que o que está sendo estudado em sala de aula, existe. Com isso, criam gosto pela paleontologia". E como educadora alimenta esperança: "Quem sabe alguém aqui não vai ser um cientista!"

De fato, esta "é uma oportunidade única de conhecer passo-a-passo todas as atividades de pesquisas paleontológicas, das escavações ao museu", declara Luiz Carlos Borges Ribeiro, chefe de pesquisas paleontológicas da FEU.

Mas além dessas personagens da reportagem, encontramos uma ilustre figura, "um amigo de Uberaba, desde ao anos 80", como confirmou Luiz Carlos, que deferindo ao seu convite, veio prestigiar esses eventos. Trata-se do cientista Cástor Cartelli. De cabelos já algodoados, compridos e esvoaçantes, sempre jogados por sobre as orelhas, agitado e conferindo os cromos (slides), jocoso e trocando a suada camisa, porém de olhos compenetrados. Enquanto preparava-se para a sua palestra – O Homem e a Vida na Terra - , logo mais no anfiteatro A da FMTM, saiu com essa pérola ao revelar a importância e o significado de Peirópolis,: "Aqui em Uberaba tem a única coisa que existe no mundo. Isso dá ao local uma luminosidade própria. Aqui é uma localidade onde o tempo parou, o tempo conservou algo que nunca mais vai existir, como são os fósseis encontrados somente aqui. Esse é o diferencial de Uberaba que é preciso ser conhecido, amado e publicado". E Cartelli continua: "Estamos pondo as mãos em um material muito raro de acontecer, único e irrepetível. Há algo de novo na praça. Em Uberaba tem aparecido jacarés novos, pela primeira vez totalmente diferentes. Tem apare-cido restos do maior dinossauro, além das iguanas, rãs, tartarugas. É a geografia de tudo o que aconteceu na história da vida, com pedacinhos dispersos. E é nesse pouco que está o valor".

É a geografia de tudo o que aconteceu na história da vida, com pedacinhos dispersos. E é nesse pouco que está o valor"

Cartelli é o curador do Museu de Ciências Naturais da PUC-MG, professor da UFMG e membro do Conselho de Meio Ambiente do Estado de Minas Gerais, portanto a maior autoridade no assunto em Minas. Durante a sua entrevista afirma: "É preciso amar onde se plantou raízes. Amar os rios, as serras, a paisagem, as pessoas, cultivar o respeito para com o cidadão. Toda essa moldagem em torno da natureza, como se fosse o dedo de Deus esculpindo ao longo de milhões e milhões de anos, deixando amos-tras do passado, é que faz um território, uma região, que dá raízes concretas ao ser humano. Por isso, o que é de Uberaba é diferente de outras partes. Tem que amar essa terra e a família dela". E o professor Cartelli concluiu: "A gente tem que ter inquietação cultural, ou seja, valorizar aquilo que faz o homem, homem. Tudo isso tem que fazer parte da cultura do dia-a-dia e do orgulho do uberabense. Chama atenção aquilo que é diferente. Essa diferença é a riqueza do ser humano. Essa é uma página da história da vida que nunca mais vai ser escrita. Esta página está aqui no chão de Uberaba. Então, é preciso saber ler estes sinais. Isso tem que entrar no dia-a-dia do uberabense".

Fóssil fecal foi um dos ítens que mais chamou a atenção dos alunos no laboratório

Os homens devem olhar com outros olhos a questão da ecologia, senão seremos seres extintos muito em breve

E assim, Ribeiro, o geólogo-chefe de pesquisas, observa que, para ele, a mensagem maior destas semanas de eventos seria a de destacar "a necessidade de os homens olharem com outros olhos a questão da ecologia, senão seremos seres extintos muito em breve".

issuu-downloader.com

Literatura

E por falar em amor...

Interesse pela literatura levou Andréa Ralize a escrever livro de poesias sobre o sentimento mais nobre do mundo

Laura Pimenta
6º período de Jornalismo

Um anjo parece ter iluminado a paulista Andréa de Castro Ralize, quando ela era apenas uma criança. Podemos dizer que, a primeira revelação veio aos seis anos de idade, quando a menina escreveu uma redação que impressionou os seus professores.

A redação, que na época ainda recebia o nome de composição, falava de um anjo, e por ter um ótimo desenvolvimento e poucos erros gramaticais, fez com que os professores de Andréa duvidassem que aquela menininha tivesse redigido um texto tão interessante e bem-feito.

Para Andréa, as poesias sempre foram inspirações rabiscadas

Andréa, porém, não entendia o porquê de tantas exclamações diante de seu texto, pois para ela escrever daquela maneira era algo normal.

Com os elogios, a jovem escritora pegou gosto pela coisa e começou a escrever cada dia mais. "De lá para cá, eu fui escrevendo, escrevendo e juntando todos os textos em uma pasta. Infelizmente o texto sobre o anjo eu não tenho, se perdeu no tempo, pois a minha mãe não o guardou", lembra.

Guardar suas poesias desde a infância, parece ter sido a segunda revelação de Andréa, que pôde aproveitar parte delas quando da terceira revelação: participar de um concurso literário promovido pela Fundação Cultural de Uberaba, em 2002.

Agora, a jovem, que já havia optado pelo caminho das Letras, encarava aí um grande desafio, participar de um concurso mesmo achando que não tinha talento e que seus textos não eram suficientemente bons.

Escrever outros livros estão em seus planos, mesmo sabendo que o interesse pela leitura no Brasil não é dos melhores

O incentivo veio, sobretudo, de uma amiga e foi assim que Andréa, mesmo não seguindo os requisitos do concurso, obteve sua quarta revelação. Para participar do concurso, os concorrentes tinham que ser de Uberaba e os textos concorrentes deveriam falar sobre a cidade. "Mesmo não sendo de Uberaba e não tendo escrito nada sobre a cidade, concorri com os 18 participantes e ganhei em terceiro lugar", explica Andréa.

Ser escolhida pelos jurados, muitos deles "imortais" da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, foi o maior reconhecimento que Andréa já havia recebido, mesmo tendo sido apoiada a vida inteira pelos pais e pelo irmão, amigos e, posteriormente, pelo marido. Foi através do concurso que ela começou a confiar em seu trabalho e também em seu talento.

Falta de patrocínio

Logo após ter tido seu trabalho reconhecido, sendo escolhida em terceiro lugar no concurso literário, organizado pela Fundação Cultural de Uberaba, Andréa Ralize decidiu ir atrás de patrocínio, para que suas poesias deixassem de ser lidas apenas por amigos e familiares.

Andréa não conseguiu patrocínio e teve de arcar com todas as despesas e contar com o apoio de alguns amigos, para fazer a edição, criar o desenho da capa e ainda garantir a impressão dos exemplares do livro. "Não é fácil bancar um livro, porque as pessoas olham, falam que lindo, mas só fica nisto. Mas eu não desisto, porque eu gosto muito de escrever, gosto mesmo", ressalta a escritora.

Escrever outros livros estão nos planos de Andréa, mesmo sabendo que o interesse pela leitura no Brasil não é dos melhores. "Eu tive que escolher noventa poesias para caber nestas 130 páginas. A escolha foi a parte mais difícil, porque eu tenho vários textos, que gostaria que fossem publicados", avalia.

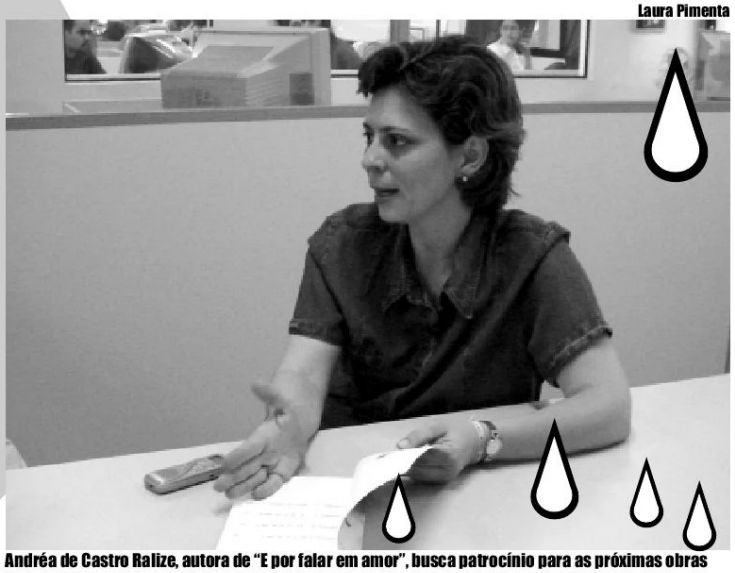
A autora do livro "E por falar em amor" já perdeu a conta do número de textos que escreveu, desde os oito anos, quando realmente começou a guardar suas poesias.

O primeiro capítulo do livro de Andréa reúne os textos que a autora escreveu entre os oito e doze anos; o segundo, reúne as poesias da fase adolescente, compreendida dos 12 aos 18 anos. O terceiro capítulo vai dos 18 aos 25 anos; e o quarto capítulo mostra uma autora mais madura diante do amor e apresenta as poesias escritas depois dos 25 anos.

Questionada se o livro "E por falar em amor" pode ser considerado uma auto-biografia poética, a autora pensativa responde que sim, já que grande parte das poesias foram escritas a partir de coisas que Andréa estava passando ou sentindo em algum momento de sua vida.

Para Andréa, as poesias sempre foram inspirações rabiscadas, que foram concebidas por desilusões amorosas, complexos infantis, buscas constantes de uma alma-gêmea e experiências emocionais das mais diversas, escritas por uma pessoa que, desde pequena, sempre sonhou em ver seu nome na capa de uma obra, feita por ela mesma.

Laura Pimenta



Andréa de Castro Ralize, autora de "E por falar em amor", busca patrocínio para as próximas obras

Pingos

Há uma torneira pingando vagarosamente...
um pingo, dois pingos, de novo...
Aquilo parece um ritual de alguém que se esqueceu de apertar a torneira...
e ela pinga, ainda pinga...
Quem sabe a pressa fez com que não houvesse preocupação
com os pingos insistentes da torneira.
As mãos do homem tinham pressa em segurar o rosto da mulher,
olhar em seus olhos,
acariciar seus cabelos e,
num bailado íntimo,
explorar todo o corpo,
tocando nas entranhas que oferecem prazer...
sem culpa, sem raciocínio...

Nestes momentos mágicos,
só o que importa é a sensação de realizar desejos
armazenados por todo o dia,
ou quem sabe dias...

Um cheiro,
um toque,
uma carícia,
de leve,
sem pressa,
com todo cuidado...
...assim...
como uma torneira que pinga,
pinga,
pinga e não se retém.

Andréa de Castro Ralize

issuu-downloader.com

Minuto
Confira o regulamento
e faça a sua inscrição

Vídeos devem ser entregues até o dia 19 de setembro, no Bloco L do Campus Aeroporto

Art. 1º- O Instituto de Humanidades da Universidade de Uberaba e o curso de Comunicação Social promovem na Semana de Seminários de 2003 o FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DO MINUTO - Festival de vídeos, produzidos em apenas um minuto.

Art. 2º - O Festival tem como objetivos:
I - criar novos espaços de expressão;
II - integrar os universitários de vários cursos;
III - incentivar a produção de cultura, ciência e arte;
IV - oportunizar o exercício da liberdade e da criatividade;
V - criar espaços para a participação da comunidade;
VI - apresentar a toda a comunidade recentes realizações de vídeo;
VII - estimular o desenvolvimento da produção audiovisual na Universidade.

Art. 3º - O Festival é aberto à participação de professores, de funcionários e de alunos.
Parágrafo 1º - Deverá, obrigatoriamente, cada equipe ter, no mínimo, um elemento ligado à **Universidade de Uberaba**.
Art. 4º - Poderão concorrer vídeos **inéditos**, produzidos originalmente em qualquer formato e copiados para VHS. Os vídeos deverão ter duração de, no máximo, 1 (um) minuto. Haverá tolerância de 15 (quinze) segundos, reservados aos créditos da equipe.
Art. 5º - Haverá pré-seleção, caso haja mais de 30 inscritos, sem a presença de público. Os critérios da pré-seleção serão feitos pela comissão organizadora e sua decisão é soberana.
Art. 6º - O julgamento no dia do Festival será feito por uma comissão formada por profissionais da área de comunicação e de áreas afins, não tendo nenhum vínculo direto com a **Universidade de Uberaba.**

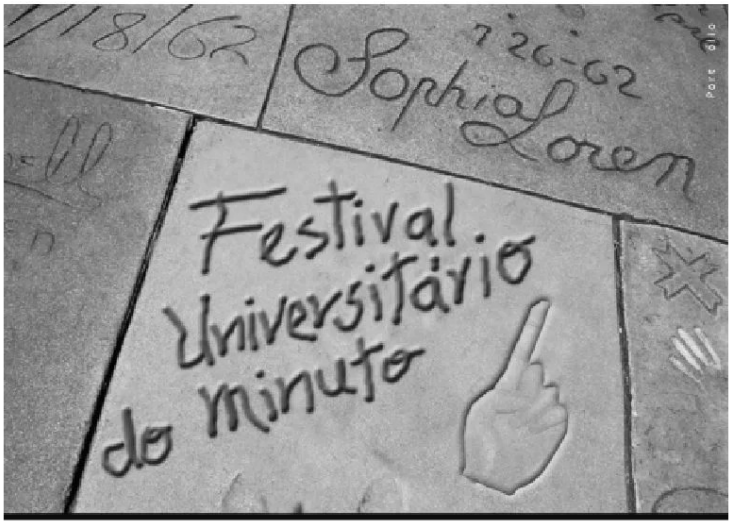
Art. 7º - Junto com a cópia do vídeo para a pré-seleção deverão ser anexadas a ficha de inscrição com a sinopse do vídeo.
Art. 8º - O material deve ser entregue na sala de Coordenação Pedagógica do curso de Comunicação Social, aos cuidados de Valquíria Pires ou Sr. Vicente de Paulo Silva, até o dia 19 de setembro na recepção do Bloco L, no Campus Aeroporto.
Art. 9º - As cópias dos vídeos não serão devolvidas, e farão parte do acervo de vídeos da **Universidade de Uberaba**, podendo ser exibidas em programações sem fins lucrativos.
Art. 10º - As despesas e produção dos vídeos ficam a cargo do concorrente.
Art. 11 º - Serão conferidos os seguintes prêmios por categora:

Ficção
Humor: Troféu Vila dos Confins + R$200,00
Drama: Troféu Chapadão do Bugre + R$200,00
Animação: Troféu Arraial da Farinha Podre + R$200,00

Não-ficção
Divulgação Científica/Educacional - Troféu Quilombo do Tengo-tengo + R$200,00
Institucionais: Troféu Morro das Sete Voltas + R$200,00
Reportagem: Troféu Rua da Zagaia + R$200,00

Grande Vencedor: Troféu Mário Palmério + R$500,00
Menção Honrosa de Público: Troféu do Desemboque

Parágrafo Primeiro - Entende-se por **Humor:** sátiras, paródias, trash. Entende-se por **Drama**: romance, poesia, lírica, tragédia, arte. Entende-se por **Animação:** Computação gráfica, desenhos, manipulação quadro-a-quadro. Entende-se por **Divulgação Científica/Educacional**: Material que poderá ser utilizado em escolas, congressos, seminários. Entende-se por **Institucionais**: Peças publicitárias, campanhas de cunho social. Entende-se por **Reportagem**: Documentários, crônicas, entrevistas.



Parágrafo Segundo: O vídeo que obtiver maior pontuação da comissão julgadora, independente de categoria, será considerado o Grande Vencedor deste Festival.

Parágrafo Terceiro: Os alunos, professores e funcionários presentes receberão, na entrada, cédula para escolher o vídeo de sua preferência.

Parágrafo Quarto-Aos diretores premiados será entregue um Certificado de Participação.
Art. 12º — A participação no Festival implica na aceitação total pelo concorrente do presente regulamento.
Art. 13º - Os casos não previstos no regulamento serão avaliados pela Comissão Organizadora, cuja decisão é soberana.

FICHA DE INSCRIÇÃO - Festival Universitário do Minuto

O vídeo deve ser entregue junto a esta ficha, na recepção do bloco L, para Valquíria Pires ou Vicente de Paula, até o dia 19 de setembro

Título: _____

Categoria: ( ) Humor ( ) Drama ( ) Animação ( ) Publicidade ( ) Reportagem ( ) Educacional/Científico

Equipe de produção: _____

_____

Sinopse: _____

_____

Reponsável pela inscrição: _____ **fone:** _____

Declaro concordar com o regulamento: _____ **Data:** _____
(assinatura do responsável)

issuu-downloader.com

Inscrições até o dia 19 de setembro

Leia o regulamento na página 11 desta edição, preencha a ficha, traga seu vídeo e participe!

issuu-downloader.com